

Relações de ensino e trabalho docente: uma história em construção¹

Daniel Novaes ²

Introdução

O livro, “Relações de ensino e trabalho docente: uma história em construção” é fruto de discussões que atravessa(ra)m o grupo de pesquisa “Relações de ensino e trabalho docente”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. A coletânea, que conta com trabalhos de diversos pesquisadores, foi prefaciada por Maria Inês Bacellar Monteiro – professora visitante da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e apresentado pelas organizadoras: Ana Paula de Freitas, Daniela Dias dos Anjos e Milena Moretto.

Os diálogos estabelecidos entre os capítulos são plurais e a partir da ótica de 27 pesquisadores fundamentados em Lev Vigotski, Mikhail Bakhtin, ou Yves Clot.

Vigotski (1995) é apresentado como principal autor da teoria histórico-cultural, cujo conceito de significação é tomado para explicar o funcionamento do psiquismo humano. O autor defende que o outro da relação dialógica medeia o mundo para o sujeito por meio de signos culturais. Ainda, afirma ser na significação da palavra, signo por excelência, que os homens se transformam.

Já Bakhtin/Volochínov (2010) consideram a significação como sendo fruto da interação entre o locutor e o outro. Tudo o quanto for enunciado, explicam, passa pela esfera do social; o sujeito, além de ser fruto e produtor de enunciados, revela-se na e pela palavra – social, histórica, cultural e ideológica.

Corroborando com as concepções descritas, mas na especificidade da atividade de trabalho, Clot (2008) intervém com suas pesquisas em situações em que há impedimentos para a realização da atividade de trabalho.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, msdanielnovaes13@gmail.com.

Ao iniciar a escrita desta resenha me inquieto, pois não quero apresentar os 18 capítulos e arriscar descontextualizá-los da coletânea/livro. Para este, que me é um empasse, considero que há dois caminhos possíveis: sintetizar cada título, ou tramar um texto no qual partes, capítulos, dialoguem com o todo, a obra! Escolho a segunda opção pautado na perspectiva vigotskiana, no materialismo histórico e na dialética, que sustentam teórico-metodologicamente as discussões do grupo de pesquisa.

Em razão disso, e para entendimento da obra, elenco quatro grupos temáticos: noção de desenvolvimento humano pelo aporte da teoria vigotskiana; acepção de desenvolvimento humano na esfera do coletivo de trabalho; entendimento de deficiência presente nos capítulos que abordam este aspecto e, por fim, a unicidade dos múltiplos olhares para a possibilidade de (trans)formação do homem. Esses grupos são frutos de fragmentos que os autores têm em comum, cada qual em seu contexto de pesquisa.

A Noção de desenvolvimento humano pelo aporte da teoria vigotskiana é trazida por Carvalho (2020), Vizelli (2020), Garcia (2020), Novaes e Maio (2020), Gallego e Silva (2020), Ferrari (2020) e Miranda (2020).

Os autores elucidam que o desenvolvimento humano pode ser compreendido pelo modo no qual o homem narra a sua história. O ato de narrar, então, constitui a identidade subjetiva do sujeito, é uma atividade de linguagem e caminho para a tomada de consciência dos discursos que atravessam, em sua historicidade, as pessoas. A riqueza da narrativa possibilita a apropriação do conhecimento via significação. Ao ser significada, a palavra enreda o pensamento à realidade e, por meio dela, viabiliza-se a superação de dicotomias presentes na compreensão dos espaços sociais como lócus de construção do conhecimento, de si, ou de atividades que subjetivam as escolhas dos sujeitos. Para os autores, o ato de narrar dá indícios dos processos de desenvolvimento humano em curso, pois o significado da palavra é público, compartilhado e constituído por um percurso histórico: o que torna possível a construção de novos sentidos pessoais.

Adentrando na acepção de desenvolvimento humano, mas na esfera do coletivo de trabalho, Castro (2020), Frare e Anjos (2020), Lozza, Finck e Diolina (2020) e Amâncio e Camargo (2020) compreendem o homem como ser plural e protagonista de suas atividades.

Os autores argumentam que as vozes que constituem o humano marcam seus

sentimentos, vivências, anseios e os lugares que ele ocupa no coletivo. Por isso, não se pode negar o silenciamento sofrido pelos oprimidos. O humano, como ser capaz de conhecer e refletir sobre suas atividades e sobre si tem a qualidade de poder transformar as situações opressoras e resistir às formas de exploração de sua mão de obra. Por esse caminho, o homem torna-se protagonista de sua história. Tudo isto se torna possível porque não há trabalho sem linguagem, que está por sua vez, vinculada à internalização de processos psíquicos que outrora foram relação com os outros. Como defendem os escritores, não há trabalho sem linguagem, e se a linguagem constitui, o trabalho também constitui os sujeitos.

Não longe dessa exposição, o Entendimento de pessoa com deficiência presente nos capítulos é apresentado por Fattori e Baricelli (2020), Alencar (2020), Barbuio e Freitas (2020), Mota (2020), Monteiro (2020).

As autoras pontuam que há uma preocupação com a diversidade e que esta preocupação consta em documentos oficiais. Porém, para se ensinar a todos, argumentam, é necessário compreender que cada sujeito faz parte de uma complexa cadeia na qual acontecem as relações sociais. Nessa direção, o olhar para a deficiência perpassa o entendimento da formação do professor e evidencia uma lacuna: há despreparo, sobretudo, no que diz respeito a um olhar acolhedor para as particularidades das pessoas com deficiência. Como orienta o repertório teórico assumido, a pessoa com deficiência é compreendida como ser que, ao se conscientizar, toma este ato como ferramenta para a conquista de sua liberdade, especialmente, no que tange as condições que subjetivam sua voz; é no criar, explicam as autoras, que o homem se liberta! As escritoras defendem ser no espaço escolar e nas vivências com seus pares que a pessoa com deficiência terá um arcabouço social, histórico e cultural para desenvolver-se.

Por fim, os fragmentos apreendidos nos capítulos acerca do entendimento de desenvolvimento humano, do trabalho e da pessoa com deficiência possibilitam problematizar a unicidade dos múltiplos olhares para a (trans)formação do homem.

Por isso, elenco alguns aspectos que a obra em seu todo evidencia: 1. O caráter social do desenvolvimento humano; 2. A atividade criadora e transformadora no processo de conscientização do homem e, do lugar que ocupa em contextos sociais; 3. A interação social via discurso, ou seja, o papel da linguagem, mais especificamente, da palavra, na construção da subjetividade; 4. A noção de ser em constante (trans)formação, que reverbera em possibilidades

de um olhar mais humano para todas as pessoas; 5. A responsabilidade do eu no coletivo; cada sujeito tem seu outro, seu microcosmo; 6. O drama e a trama das relações sociais acontecidos nas diferentes elaborações a respeito de si e de sua atividade (de trabalho). E o último ponto a ser elencado; 7. Afirma-se a unidade do homem como ser social, histórico e cultural, cuja atividade transforma a natureza (externa) e sua própria natureza (interna).

Concluo esta resenha considerando a pertinência e relevância da obra no contexto maior, a academia. Em meio à tantos desenganos sociais, como o contexto de mobilização global decorrente da pandemia do (COVID-19), e a descrença no humano, torna-se primordial mostrar o quanto há de se fazer para modificar as situações concretas, que muitas vezes, estão dadas como perdidas. Entendo, por este livro/coletânea a urgência do olhar *com* o estrangeiro, o marginalizado, o oprimido, o silenciado e, nisto, essa coletânea poderá ser, quiçá, uma luz, para iniciar/continuar essa mudança.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CLOT, Y. *Travail et pouvoir d'agir*. Paris: PUF, 2008.

FREITAS, A. P., ANJOS, D. D., MORETTO, M. (org.). *Relações de ensino e trabalho docente: uma história em construção*. Jundiaí: Paco, 2020.

VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*, v. 3. Madrid: Visor, 1995.

Recebido em abril 2021.

Aprovado em junho 2022.